



## SENTINDO-SE EM CASA: CONHECER, FAZER, CONVIVER E SER AS RELAÇÕES FAMILIARES NA ESCOLA

Michele Cristina Pereira Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

A relação entre a família e a escola desempenha um papel fundamental na educação das crianças e está intrinsecamente ligada aos Quatro Pilares da Educação, um conceito desenvolvido pela UNESCO que define os princípios fundamentais da educação ao longo da vida, sendo eles Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser. De modo alinhado, observa-se que colaboração entre família e escola pode ajudar as crianças a desenvolverem o gosto pela aprendizagem, explorando novas áreas de conhecimento e adquirindo habilidades para aprender de forma autônoma. Diante dessas considerações, o presente estudo almeja precipuamente examinar o aporte das famílias para a aprendizagem dos filhos em seara escola. Dessa forma, A conexão entre a família e a escola é crucial para a realização dos quatro pilares da educação, visto que fornece um ambiente de apoio, incentivo e valores que complementam a educação formal nas escolas. Quando a família e a escola trabalham juntas, podem criar um ambiente de aprendizado mais completo e enriquecedor para as crianças e jovens.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem; Escola; Família.

### ABSTRACT

The relationship between family and school plays a fundamental role in the education of children and is intrinsically linked to the Four Pillars of Education, a concept developed by UNESCO that defines the fundamental principles of lifelong education, which are Learning to Know, Learning to Do, Learning to Live Together and Learning to Be. In an aligned way, it is observed that collaboration between family and school can help children develop a taste for learning, exploring new areas of knowledge and acquiring skills to learn autonomously. Given these considerations, the present study aims primarily to examine the contribution of families to the learning of their children in the school field. In this way, the connection between the family and the school is crucial for the realization of the four pillars of education, since it provides an environment of support, encouragement and values that complement formal education in schools. When family and school work together, they can create a more complete and enriching learning environment for children and young people.

**Keywords:** Teaching-learning; School; Family.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura plena em Pedagogia na (UVA)-Universidade Vale do Acaraú no ano de 2008. Mestranda em Ciências da Educação (FICS).



## **INTRODUÇÃO**

Pode-se argumentar que a família possui duas características próprias: é uma comunidade de pertencimento, que forja a identidade pessoal e na qual se desenvolvem poderosos laços socioafetivos entre seus membros; e é uma comunidade educativa que forma as pessoas ao longo da vida e potencializa seu desenvolvimento integral.

Outra característica é sua diversidade, uma vez que a família passou por importantes transformações sociais e culturais nas últimas décadas, dentre as quais: a diminuição de seu tamanho e o aumento de domicílios unipessoais; adiamento do casamento e da maternidade; aumentar a participação das mulheres na força de trabalho; o aumento de mulheres chefes de família e a consequente sobrecarga de trabalho para as mulheres; e a diversidade das estruturas familiares.

Apesar das mudanças socioculturais que experimentou nas últimas décadas, a família mantém uma missão insubstituível: educar seus membros para contribuir com seu desenvolvimento ao longo da vida. Segundo Scola (2012), a família é um lugar educativo, —uma comunidade de amor e solidariedade insubstituível para o ensino e transmissão de valores culturais, éticos, sociais, espirituais, essenciais para o desenvolvimento e bem-estar dos próprios membros e da sociedade.

Na família, forma-se a identidade das pessoas, atendem-se necessidades básicas e de aprendizagem, adquirem-se hábitos de educação e trabalho, aprendem-se a conviver com os outros, pois se socializam normas, valores, autocontrole, responsabilidade, desenvolvimento social, equilíbrio emocional e autonomia.

Vista assim, a família é a primeira escola de virtudes sociais e é a célula básica da cultura, da transmissão da sabedoria humana, que é cultivada e transmitida de uma geração para outra. Consciente do valor do papel educativo da família, é preciso reconhecer que seu exercício na vida cotidiana não enfrenta complexidades menores. Entre elas, determinar – com as novas configurações familiares – quem e como se encarrega desse trabalho, em que momentos e



com que recursos e apoio o realizam, em um contexto atual de difícil compatibilidade entre trabalho e família.

Nessa tensão, a escola apresenta-se como uma instituição educacional formal de longa data, tradição e relevância, que complementa a missão da família, especializando e aprofundando a educação da criança em um contexto coletivo. Pode-se dizer que família e escola precisam uma da outra e, no entanto, nem sempre são procuradas ou muito menos encontradas.

A verdade é que deve ser desenvolvida uma relação de colaboração, uma relação de parceria entre educadores, pais e outros atores comunitários, entre as famílias e os estabelecimentos de ensino, em que estes partilhem a responsabilidade pela aprendizagem e desenvolvimento, através de um modelo de —sobreposição de esferas de influência entre a escola, a família e a comunidade para trabalhar em conjunto com o propósito de orientar e apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Se o complemento entre as famílias e a escola tem seu foco no apoio à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos, então o envolvimento da família na educação deve ser desenvolvido tanto nos tempos e espaços institucionais da escola – nas diferentes atividades e iniciativas que a escola gesta – quanto nas atividades extracurriculares ou nos diferentes momentos do cotidiano familiar.

Ambos os tipos de envolvimento são essenciais para promover a aprendizagem integral e sustentável no tempo das crianças e jovens. Embora a família seja o primeiro e mais importante lugar da educação, é preciso aceitar que as tendências e exigências da vida moderna – individualismo, trabalho exacerbado e desumanizante, consumo – colocaram sob pressão e em questão a capacidade das famílias de praticar sua missão educativa.

Dessa forma, gradativamente, a escola tende a assumir a responsabilidade pela educação de crianças e adolescentes, devido à falta de tempo dos pais e ao desconhecimento deles sobre o quão fundamental é o seu compromisso com a educação de seus filhos. Ao mesmo tempo, as iniciativas e os programas para reforçar o papel educativo da família, dentro e a partir da escola, têm sido insuficientes.

Apesar de há mais de 40 anos se acumularem evidências de que o envolvimento familiar é um dos mais poderosos preditores do sucesso escolar das



crianças, os recursos e compromissos para promover esse envolvimento têm sido poucos, fraco e inconsistente. Considerando esses desafios, este artigo traz quatro argumentos e reflexões que visam dar visibilidade à relevância do envolvimento das famílias no sistema educacional, entendendo-as como variável da qualidade da educação, e reforçar a importância da realização de políticas e programas que fortaleçam a relação entre famílias e escolas.

## APRENDER A CONHECER O DESEMPENHO ESCOLAR DAS CRIANÇAS

Os pais assumem um papel significativo no processo de aprendizagem e socialização dos filhos, especialmente na primeira infância. A partir da segunda metade do século XX, numerosos estudos confirmaram a influência que pais e mães podem exercer sobre os resultados educacionais de seus filhos.

Segundo Coleman (1966), a família influencia não apenas por sua condição econômica, mas também pelo forte e efetivo apoio que pode fornecer na educação dos alunos. Isso é posteriormente confirmado por um estudo aplicado por Stevenson e Baker (1987) em uma amostra representativa de domicílios americanos, que resultou que as mães que mais receberam educação são as que estão mais envolvidas na educação de seus filhos. Elas são as que têm mais informações sobre a escola e as que são mais ativas na resolução dos problemas de seus filhos no sistema escolar, em comparação com as mães menos escolarizadas. Ao mesmo tempo, são as mães que mais entram em contato com a escola que geram estratégias mais amplas e complexas para apoiar a educação de seus filhos.

Os autores ainda indicaram que o envolvimento dos pais na educação de seus filhos está positivamente associado ao desempenho escolar de meninos e meninas. Os pais se envolvem mais nas atividades escolares quando seus filhos são pequenos: os pais parecem se desconectar das atividades escolares quando seus filhos estão no caminho certo. Ou, parece que os pais se sentem mais competentes ajudando seus filhos mais novos do que os mais velhos (STEVENSON; BAKER, 1987).

Estudos sobre efetividade escolar também comprovaram o valor da relação entre famílias e escolas. É o caso dos pesquisadores Deal e Peterson (2009), que concluem que um dos achados mais consistentes é que o





envolvimento dos pais causa uma diferença significativa no desempenho educacional dos alunos e, também, na gestão da equipe do estabelecimento.

Na mesma linha, Harris (2009) estabelece que o envolvimento dos pais como aliados das escolas é uma das estratégias fundamentais dos modelos de melhoria escolar em estabelecimentos de ensino vulneráveis.

Por sua vez, Murillo (2008) destaca as famílias dos alunos como um dos atores que influenciam o desempenho educacional da seguinte forma: (a) a relação e o apoio que eles fornecem ao aluno; (b) a participação e envolvimento na escola; e (c) as expectativas positivas que têm perante a escola e os professores.

De modo alinhado, a família pode incentivar a curiosidade intelectual das crianças, fornecendo acesso a livros, recursos educacionais e estimulando a leitura em casa. Além disso, pode ajudar os filhos a explorarem seus interesses e a buscar conhecimento além do ambiente escolar. Ainda, ao aprender a conhecer, enfatiza-se o desenvolvimento do conhecimento e da compreensão, envolvendo a aquisição de habilidades cognitivas, a curiosidade intelectual e a capacidade de aprender de forma crítica e autônoma.

Portanto, alunos que têm pais que os apoiam na realização de seus deveres de casa e trabalho, que conhecem suas notas e os parabenizam por suas conquistas, têm melhor desempenho. Melhores resultados na compreensão de leitura são observados em alunos cujos pais leem com eles com frequência e mais cedo. Por fim, o envolvimento dos pais e responsáveis está relacionado a melhores resultados de aprendizagem, havendo até diversos pontos de diferença entre estabelecimentos de alto e baixo envolvimento

## **APRENDER A FAZER: FAMÍLIAS VULNERÁVEIS E A ESCOLA**

As capacidades das famílias para realizar suas tarefas educativas não são igualmente distribuídas, uma vez que a pobreza, o nível educacional dos pais e seu capital social influenciam o desenvolvimento e o desempenho escolar de crianças e adolescentes. Estudos internacionais como os de Parcel, Dufur e Cornell (2010) concordam que a pobreza material é um fator de risco para as crianças, pois implica menor acesso a recursos educacionais que apoiem o processo de aprendizagem, como materiais e atividades educativas.



Por sua vez, Weiss et al. (2009) estabelecem que pais que vivem em condições de pobreza ou estresse econômico experimentam maiores problemas de saúde mental, o que pode limitar sua capacidade de apoiar os estudos das crianças e aumentar a probabilidade de uso de práticas punitivas. Eles também enfrentam mais barreiras logísticas para chegar à escola, como falta de transporte, falta de flexibilidade de horário diário e falta de tempo de férias. Algumas publicações chilenas também são coerentes com essa postura.

Gubbins e Ibarra (2016) afirmam que, quanto menor a renda e o capital cultural familiar, menor a presença dos pais na escola. De alguma forma, as expectativas e atitudes dos pais em relação à educação variam de acordo com o nível socioeconômico e impactam o interesse acadêmico das crianças. No entanto, também tem sido estudado que o envolvimento dos pais e a boa comunicação entre pais e filhos em questões escolares impactam em um resultado acadêmico positivo.

Por sua vez, Jadue (2003) afirma que um aluno que pertence a uma família de baixo nível socioeconômico e cultural e uniparental — está em alto risco de apresentar tanto problemas de desempenho na escola quanto em suas experiências pessoais e familiares, devido às características do ambiente em que a criança se desenvolve: baixa escolaridade dos pais e pobreza.

Como mencionado, os pais de uma família em situação de pobreza tendem a ter um nível educacional mais baixo, fator que, segundo Parcel et al. (2010), afeta o ambiente em que as crianças crescem, o que, por sua vez, tem consequências nos resultados acadêmicos.

Segundo esses autores, a qualificação educacional da mãe prediz em seu filho facilidade verbal, desempenho em leitura e matemática. Por sua vez, um forte autoconceito materno reduz o risco de problemas comportamentais nas crianças. Da mesma forma, uma família em situação de pobreza tende a ter menor capital social, o que é uma barreira, considerando que tais conexões sociais (com vizinhos, funcionários da escola, colegas de trabalho) poderiam ampliar os recursos aos quais as crianças terão acesso.

Assim como a mistura social dentro da sala de aula contribui para a aprendizagem dos alunos, também se pode dizer que a integração de famílias provenientes de estratos sociais e culturais diversos produz efeitos positivos de aprendizagem recíproca sobre como apoiar a educação de seus filhos. Um ambiente



socialmente diverso favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e permite aprender coisas novas, interagir com os outros e construir redes sociais à medida que o círculo de pessoas, experiências e contextos sociais se expande.

Dessa forma, não basta valorizar o papel da família ou implantar estratégias que apoiem seu envolvimento na educação. Também é necessário que essas iniciativas sejam diferenciadas e especializadas de acordo com o contexto social dos estudantes, uma vez que é necessário considerar as barreiras associadas à pobreza e, para tanto, planejar estratégias muito mais intensas, tanto em tempo quanto em recursos necessários para implementá-las.

Frente a isso, os pais podem apoiar o desenvolvimento de habilidades práticas, como cozinhar, cuidar do lar, ou se envolver em projetos criativos. Eles também podem encorajar os filhos a participar de atividades extracurriculares que promovam habilidades práticas e experiências práticas. Além disso, aprender a fazer envolve o aprendizado de habilidades técnicas, habilidades de resolução de problemas e a capacidade de trabalhar de forma eficaz em situações do mundo real, estando relacionado à preparação para a vida profissional e ao desenvolvimento de habilidades práticas.

É assim, portanto, que as redes que a organização escolar possui e sua capacidade de articulação com outros serviços de assistência social se apresentam como estratégias valiosas para contextos de vulnerabilidade social, desde que sejam as escolas e as famílias que assumam a responsabilidade do trabalho em aliança e não seja delegada a outros tipos de organizações.

## **APRENDER A CONVIVER: DEMANDAS PESSOAIS E INSTITUCIONAIS**

Nota-se uma necessária relação entre educação e participação, como direito de professores, merendeiras e funcionários em geral, bem como das famílias, uma vez que fazem parte dos espaços educativos. A participação é então entendida como a "presença viva de ter voz". Freire (1996) afirma ainda que há uma primeira observação que devemos fazer, que se refere ao fato de que a participação, como exercício de voz, de ter voz, de assumir, de decidir em determinados níveis de poder, em termos do direito de cidadania, está em relação direta, necessária, com a prática educativo-progressista; Os educadores que a realizam são coerentes com o seu discurso.



Com isso o que Freire (1996) quer dizer é que supõe uma contradição escandalosa, uma incoerência uma prática educativa que se pretende progressista, mas que se realiza dentro dos modelos, de forma tão rígida e vertical, em que não há espaço para a menor posição de dúvida, de curiosidade, de crítica, de sugestão, de presença viva, com voz, de professores que devem permanecer submissos aos pacotes; dos educandos, cujo direito se limita ao dever de estudar sem questionar, sem hesitar, submissos aos professores; dos guardas, dos cozinheiros, dos guardas, que trabalham na escola, também são educadores e precisam ter voz; de pais, mães, convidados para ver a escola ou para festas de fim de ano ou para receber reclamações sobre seus filhos ou para cuidar do conserto do prédio em grupos ou mesmo para "participar" dos pagamentos de compras de material escolar, etc.

Continuando com a ideia da participação como direito, esclarece-se que a participação está relacionada à reportagem, à notícia e à comunicação; bem como ter uma parte em uma coisa ou tocar algo nela. Implica a realização de algo: ser participante ou participante, desde que receba ou tenha o direito de receber parte de algo.

Assim como Freire (1996), o autor considera que a participação e a educação social levam ao exercício pleno da cidadania, o que implica o exercício de direitos e deveres. Este autor relaciona isso à inclusão como participantes. Que é fazer parte da realização de "algo". Isso é pensado em dois sentidos: do direito de receber e do direito de contribuir em termos de apropriação e transformação do que foi recebido.

Núñez (2005) identifica dois níveis para a abordagem da participação, já que é direito de todo ser humano fazer parte e participar da cultura popular de seu tempo, acessar as regras do jogo social, ser participante. Direito de sair, isso é partir para a estrada. Direito à distribuição do patrimônio cultural e social. A participação torna-se, assim, outro nome para a justiça, mas também para a educação no seu sentido mais forte.

A família deve não apenas garantir às crianças condições econômicas que possibilitem seu desempenho escolar, mas também prepará-las desde o nascimento para que possam participar e aprender ativamente na comunidade. Tal preparo demanda da família uma grande variedade de recursos; São elas:





econômica, disponibilidade de tempo, valores, consumo cultural, capacidade de dar afeto, estabilidade, entre outros.

Nesse sentido, deve-se fazer referência às transformações pelas quais a família vem passando ao longo da história, que se desenvolveram paralelamente às mudanças da sociedade. Devido a essas transformações, e em resposta às necessidades culturais, a família compartilha cada vez mais com outras instituições sociais, as funções de socializar, educar, proteger, entre outras.

Assim, ao aprender a conviver, enfatiza-se a importância do desenvolvimento de habilidades sociais, cidadania e compreensão intercultural. Envolve aprender a conviver com os outros de maneira respeitosa, tolerante e solidária. Aprender a viver juntos está relacionado ao desenvolvimento de habilidades interpessoais, compreensão cultural e ética. Além disso, a família desempenha um papel fundamental no ensino de valores éticos e morais, promovendo o respeito, a tolerância e a compreensão intercultural. Os pais podem modelar comportamentos e atitudes positivas em relação aos outros e incentivar o respeito pela diversidade.

Portanto, as mudanças radicais pelas quais passou a vida familiar nas últimas décadas, a incorporação da maioria das mulheres ao mercado de trabalho, o maior número de famílias chefiadas por mulheres, a jornada de trabalho atual, entre outras, dificultam a conciliação das responsabilidades e funções da família com o trabalho. Ou seja, as famílias passam a ter necessidades que a sociedade não deve omitir, é por isso que a escola constitui um importante complemento para a família na sua função educativa e formativa das crianças. Em síntese, pode-se afirmar que, devido às diversas alterações ocorridas na estrutura e na dinâmica familiar, atualmente é difícil desempenhar suas funções e cumprir suas responsabilidades.

É por essa razão que se enfatiza a necessidade de que a família seja apoiada por outras redes de apoio social. Ou seja, embora a escola não deva assumir as funções de família, nem negligenciar suas responsabilidades como primeiros educadores, é importante que a escola ofereça cooperação, coordenando e complementando a família em sua função, com sustento pedagógico.



## APRENDER A SER A FAMÍLIA NA ESCOLA

Os benefícios da participação familiar têm sido bem estudados, embora menos tenham sido formas de aumentar a participação, ou seja, práticas efetivas para aumentar o envolvimento dos pais com a escola e com a educação dos filhos. Deve-se reconhecer, ainda, que, embora a relação entre família e escola leve a um terreno ainda novo e complexo, há estudos internacionais que estabelecem tendências quanto às diretrizes para aumentar o envolvimento dos pais na educação dos filhos.

O objetivo desta quarta reflexão é delinear as propostas de pesquisadores reconhecidos internacionalmente nesse campo. É interessante integrar a precisão conceitual realizada por Goodall e Montgomery (2014), que propõem um continuum entre envolvimento e comprometimento parental, e apontam este último como desejável, uma vez que envolve um maior comprometimento ou maior senso de identidade do que envolvimento. Eles propõem três tipos de relação nesse continuum:

- (i) *Envolvimento dos pais com a escola*: Nesse tipo de relação a escola predomina na relação com os pais, e é ela quem tem controle na entrega das informações. Os pais podem participar das atividades, mas estas são criadas e controladas pela instituição escolar. A maioria das atividades é realizada no estabelecimento de ensino ou em seu entorno. Essa concepção é a que costuma predominar, tanto na política educacional quanto nos discursos instalados nas escolas sobre a relação com as famílias.
- (ii) *Envolvimento dos pais com a educação*: Esse nível de envolvimento pode ocorrer na escola ou em casa e é caracterizado por uma troca de informações entre pais e funcionários da escola com foco na aprendizagem.
- (iii) *Comprometimento dos pais com a aprendizagem dos filhos*: Nesse nível de relacionamento, os pais têm o protagonismo, que tomam decisões sobre ação e participação. Eles estão comprometidos com a



aprendizagem de seus filhos, não porque seja ditada pela escola, mas porque está dentro de suas próprias percepções de seu papel como pais.

No entanto, tanto Weiss et al (2009) quanto Epstein (2011) partem do pressuposto de que tanto a escola quanto as famílias são responsáveis pela aprendizagem e educação de crianças e adolescentes. Pode-se dizer que o envolvimento das famílias na educação é uma coconstrução, uma responsabilidade compartilhada entre elas, escolas e comunidades.

Segundo Epstein (1992) é importante que a escola desenvolva práticas que envolvam as famílias na educação. Uma das primeiras considerações propostas por esse autor é que as práticas devem ser:

1) *Diferenciadas*: de acordo com as diferentes necessidades das famílias e suas diversas formas de constituição. É preciso levar em conta a diferença de idade dos alunos, seus níveis de maturidade, os ciclos de vida das famílias e suas situações socioeconômicas. Também é necessário diferenciar o contexto das escolas e os níveis em que os educadores realizam seu trabalho educativo.

2) *Inicial*: As práticas de envolvimento da família na educação devem começar e ser enfatizadas na pré-escola e no nível básico. Isso porque é nos primeiros anos que as famílias e as escolas aprendem a respeitar e apoiar umas às outras nas responsabilidades compartilhadas pela educação das crianças. Além disso, a qualidade das alianças iniciais estabelece modelos e relações que podem encorajar ou desencorajar os pais de continuar a se comunicar com os professores de seus filhos nos anos posteriores.

Nessa fase inicial, o principal objetivo do vínculo escola-família é estabelecer e fortalecer o desenvolvimento cognitivo, pessoal e social das crianças e prepará-las para a aprendizagem. Essas duas características pressupõem que a escola conheça seus alunos e suas famílias e que seja sensível à sua diversidade.

Além disso, exigem a presença de uma equipe profissional que gerencie o vínculo. Isso implica uma capacidade e recursos que nem sempre estão



instalados na instituição escolar e se tornam uma necessidade de primeira linha para ter iniciativas dessa natureza. Levando em consideração o exposto, algumas possíveis práticas de participação das famílias que contribuem para a aprendizagem das crianças são:

- I- *Parentalidade*: refere-se a um tipo de prática que visa construir condições em casa que favoreçam o aprendizado e o melhor comportamento das crianças na escola. É importante, para isso, ajudar as famílias a desenvolverem conhecimentos e habilidades para compreender as crianças em cada idade e nível de desenvolvimento. Isso pode ser feito por meio de atividades como oficinas na escola ou em outro lugar; mensagens telefônicas computadorizadas; cursos ou treinamentos para pais; implementação de programas de apoio à família nas áreas da saúde, nutrição ou outras; visitas domiciliares; reuniões de bairro; entre outros.
  
- II- *Comunicação*: Este tipo de prática visa conceber e conduzir formas eficazes de comunicação bidirecional entre escolas e famílias sobre os programas escolares e o progresso das crianças. Isso pode ser feito por meio de atividades como: conferências com todos os pais pelo menos uma vez por ano; envio semanal ou mensal de uma pasta com o trabalho do aluno para revisão ou feedback dos pais; uso de um esboço regular de notícias, memorandos, telefonemas, boletins informativos, site do centro e outras comunicações; informar os pais sobre políticas, programas ou reformas escolares; informações aos pais sobre segurança na Internet.
  
- III- *Voluntariado*: refere-se ao recrutamento e organização do apoio dos pais como voluntários que podem ajudar professores, administradores ou crianças em aulas ou em outras áreas. Exemplos de atividades dessa natureza são: voluntários para a sala de aula ou para a escola em geral; a disponibilidade de um centro familiar para o trabalho voluntário; reuniões e recursos para as famílias; a realização de uma pesquisa anual para identificar talentos disponíveis, horários e





localização dos voluntários; patrulhamentos de pais ou outras atividades que proporcionem segurança e funcionamento aos programas da escola; correntes telefônicas para fornecer informações aos pais; entre outros.

IV- *Aprendizagem em casa*: consiste em fornecer informações e ideias para as famílias sobre como ajudar os alunos em casa com tarefas de casa e atividades, decisões e planos relacionados ao currículo. As atividades que podem ser implementadas no âmbito dessa prática são: fornecer informações às famílias sobre os conhecimentos e habilidades exigidos pelos alunos em cada disciplina para cada ano; informações sobre a política de lição de casa e como monitorar e discutir o dever de casa; informações sobre como apoiar os alunos na melhoria de suas habilidades em várias aulas e avaliações; estabelecer um cronograma regular de lição de casa que exija que o aluno discuta e interaja com suas famílias sobre o que está aprendendo em sala de aula; calendário com atividades para pais e alunos fazerem em casa ou na comunidade; atividades familiares de leitura, ciências e matemática na escola; atividades de aprendizagem nas férias; entre outros.

V- *Participação na tomada de decisões*: refere-se a um tipo de prática que visa incluir os pais nas decisões da instituição escolar, o que favorece o desenvolvimento de pais líderes e representativos. As atividades que podem ser consideradas incluem: ativação de organizações-mãe, conselhos ou comitês (por exemplo, currículo, segurança ou comitê de pessoal); grupos de defesa independentes para negociar e trabalhar pela reforma e melhoria das escolas; conselhos ou comitês locais para envolvimento familiar e comunitário; informações sobre as escolhas no estabelecimento de ensino; Redes para unir todas as famílias com representantes dos pais.



- VI- *Colaboração com a comunidade*: consiste em identificar e integrar recursos e serviços da comunidade para fortalecer os programas escolares, as práticas familiares e a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. As atividades possíveis incluem: informar alunos e famílias sobre programas e serviços de saúde, culturais, recreativos e de apoio social disponíveis na comunidade; informar atividades comunitárias que aumentem o aprendizado de habilidades e talentos, incluindo programas de verão para estudantes; prestar serviços comunitários para alunos e famílias, por meio de atividades de reciclagem, arte, música, teatro e outras; entre outros.

Portanto, ao aprender a ser, destaca-se o desenvolvimento da individualidade, da autoconsciência e da autorrealização, envolvendo o desenvolvimento da criatividade, da autonomia, do autoconhecimento e da capacidade de tomar decisões informadas. Aprender a ser está relacionado ao desenvolvimento pessoal e à formação de cidadãos responsáveis e autônomos. Então, a família pode apoiar o desenvolvimento pessoal dos filhos, incentivando a autoexpressão, a autoconsciência e a tomada de decisões informadas. Eles podem promover a autonomia e a responsabilidade, permitindo que os filhos assumam responsabilidades e tomem decisões apropriadas para a idade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas evidências disponíveis sobre a responsabilidade da família na qualidade da educação de seus filhos, este ensaio propôs quatro reflexões para tornar visível a relevância das famílias no sistema educacional e sugerir a necessidade de instalação de novos programas e ações nas escolas que contribuam para o fortalecimento da relação com as famílias.

Primeiro, mostramos evidências de estudos mostrando que famílias mais envolvidas com a escola e mais comprometidas com a educação têm crianças com melhor desempenho do que famílias que não o são. Em segundo lugar, foi compartilhada uma história de estudos que estabelece que as famílias de baixa renda são menos capazes de se relacionar com a escola e apoiar a educação



de seus filhos, uma questão que as estratégias de relacionamento família-escola não devem ignorar. Em terceiro lugar, houve uma reflexão crítica sobre os progressos e os desafios das políticas e programas neste domínio de relação.

Por fim, foram apresentadas algumas orientações e estratégias concretas de participação da família para a aprendizagem dos alunos. As reflexões aqui apresentadas compartilham a convicção de que abordar essa relação pode trazer resultados positivos na melhoria da qualidade da aprendizagem de crianças e adolescentes.

Para tanto, é necessário iniciar o caminho instalando capacidades na instituição escolar que se refiram à incorporação de uma equipe profissional adequada para promover a relação entre a escola e as famílias e, para isso, que seus dirigentes ou aqueles que a administram sejam sensíveis e valorizem esse desafio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLEMAN, J. **Equality of educational opportunity study**. Washington: Government, 1996.

DEAL, T. Y PETERSON, K. **Shaping School Culture: Pitfalls, Paradoxes, & Promises**. San Francisco: Josey-Bass, 2009.

EPSTEIN, J. **School and family partnerships**. Report n.º 3. Baltimore: Center on Families Communities, Schools and Children's Learning, 1992.

GOODALL, J. Y MONTGOMERY, C. Parental involvement to parental engagement: a continuum. **Educational Review**, 66 (4), 399-410, 2014. <http://dx.doi.org/10.1080/00131911.2013.781576>

GUBBINS, V. E IBARRA, S. Estrategias Educativas Familiares en Enseñanza Básica: Análisis Psicométrico de una Escala de Prácticas Parentales. **Psykhé**, 25 (1), 1-17, 2016. <http://dx.doi.org/10.7764/psykhe.25.1.773>



HARRIS, A. Improving Schools in Challenging Contexts. **Second International Handbook of Educational Change** (pp. 693-706, 2009.) Netherlands: Springer

JADUE, G. Transformaciones familiares en Chile: riesgo creciente para el desarrollo emocional, psicosocial y la educación de los hijos. **Estudios Pedagógicos**, 29, 115-126, 2003.

MURILLO, J. **Enfoque, situación y desafíos de la investigación sobre eficacia escolar en América**. Eficacia escolar y factores asociados en América Latina y el Caribe. Santiago de Chile: UNESCO, 2008.

NÚÑEZ, I. Educación chilena en la República: Promesas de universalismo y realidades de inequidad en su historia. **Psicoperspectivas. Individuo y Sociedad**, 14 (3), 5-16, 2015.

PARCEL, T., DUFUR, M. Y CORNELL, R. Capital at Home and at School: A Review and Synthesis. **Journal of marriage and family**, 72, 828-846, 2010. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00733.x

SCOLA, A. Familia y sociedad. **Revista Humanitas**, 26, 5-16, 2012.

STEVENSON, D., Y BAKER, D. The familyschool relation and the child's school performance. **Child Development**, 58, 1348-1357, 1987.

WEISS, H., BOUFFARD, S., BRIDGLALL, B. Y GORDON, E. **Reframing Family Involvement in Education: Supporting Families to Support Educational Equity**, 2009. Recuperado de: [http://www.equitycampaign.org/i/a/document/12018\\_equitymattersvol5\\_web.pdf](http://www.equitycampaign.org/i/a/document/12018_equitymattersvol5_web.pdf)